

# Museu da Escola Catarinense

## UMA BIBLIOTECA ANOTADA

Caminhos do leitor no acervo de livros escolares no Museu da Escola Catarinense  
(décadas de 20 a 60/século XX)

### APOIOS:

Programa de Apoio à Pesquisa (PAP)- UDESC  
Direção Do Centro de Ciências Humanas e da Educação-UDESC  
-Prof<sup>º</sup> Dr<sup>º</sup> Marlene de Fáveri

Museu da Escola Catarinense-UDESC  
-Prof. Msc. João Nicolau de Carvalho  
-Prof<sup>º</sup> Dr<sup>º</sup> Vera Lucia Gaspar da Silva

CNPq - Coordenação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico



Museu da Escola Catarinense  
Rua Saldanha Marinho, 196 - Centro - Florianópolis - Santa Catarina - 88010.450

Uma biblioteca anotada

MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE

## Uma biblioteca anotada

Caminhos do leitor no acervo de livros escolares  
no Museu da Escola Catarinense  
(décadas de 20 a 60/século XX)



Ficha Catalográfica

Elaborada por Fernanda de Sales – CRB/14 - 643

U48

Uma biblioteca anotada : caminhos do leitor no acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense (Décadas de 20 a 60/ século XX) / Maria Teresa Santos Cunha, org. .\_\_ Florianópolis : Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina : UDESC, 2009.  
80 p.

1. Museu da Escola Catarinense. 2. Patrimônio Cultural Escolar. 3. Livros. I. CUNHA, Maria Teresa Santos (org.).

CDD: 370.98164

# Projeto

Hóspedes do Tempo, Inquilinos da Vida:  
Um estudo sobre o acervo dos livros do Museu da Escola Catarinense (1800-1990)

## Coordenadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Teresa Santos Cunha

## Bolsistas PIBIC/CNPq:

Ana Lúcia Menna Barreto  
Ana Luíza Mello Santiago de Andrade  
Elaine Maria de Quadros  
Mônica Sol Glik  
Patrícia Schwarz

Projeto Gráfico: Natasha Bramorski (História)  
Florianópolis (SC), 2009

# UMA BIBLIOTECA ANOTADA

**Caminhos do leitor no acervo de livros escolares no Museu da Escola Catarinense  
(décadas de 20 a 60/século XX)**

O Museu da Escola Catarinense/ FAED/UDESC, desde 1992, integra em Florianópolis (SC), as ações de recolha e preservação do patrimônio escolar em Santa Catarina. Em suas dependências, livros escolares oriundos de doações contabilizaram, até 2006, 277 exemplares. Este catálogo objetiva mostrar alguns exemplares específicos desse acervo e identificar os caminhos dos leitores- aqui chamada como biblioteca anotada - pelos livros perceptíveis através de anotações variadas (dedicatórias, marginais, objetos-reliquia, marcas do tempo e de uso) e que abrem possibilidades para futuras pesquisas na área de acervos/patrimônio cultural escolar em interface com a história da leitura e dos livros.

Preservá-los de forma adequada é uma iniciativa que vem demandando esforços para que se programem políticas que tenham como finalidade enriquecer a relação da sociedade com seus bens culturais, sem que se perca de vista os valores que justifiquem sua preservação.

**Maria Teresa Santos Cunha**

De todos os instrumentos do homem, o mais assombroso é, sem dúvida, o livro. Os demais são extensões do seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua vista; o telefone é extensão de sua voz; o arado e a espada são extensões de seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação.

**Jorge Luis Borges**

## AS ORDENADORAS DO UNIVERSO ESCOLAR CATARINENSE

Giselle Martins Venancio (Universidade Federal Fluminense/RJ)

*"Sempre que entro numa biblioteca,  
o que mais me impressiona é a forma  
pela qual uma certa visão de mundo  
é imposta ao leitor por meio de sua  
ordem e suas categorias."*

(Alberto Manguel)

Ordenadores do universo: assim os antigos sumérios chamavam aqueles que se dedicavam à arte de catalogar livros[1]. Na história da humanidade, desde muito cedo se desejou acumular todos os conhecimentos produzidos, buscando-se guardar por escrito tudo o que os homens pensavam e criavam.

[1] MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 219.

Entretanto, logo se percebeu que encher estantes de livros não era suficiente para a acumulação do saber. Era preciso que se desse uma ordem aos volumes acumulados, possibilitando a quem desejasse conhecê-los um caminho mais rápido para alcançar o que se buscava. Surgiram então pessoas que passaram a se dedicar, exclusivamente, à facilitação dessa busca elaborando catálogos que descreviam, das mais variadas formas, os volumes colecionados.

Gabriel Naudé, em sua *Orientação para montar uma biblioteca*, de 1627, dedica um capítulo, especificamente, à classificação[2]. Neste, ele afirma que o objetivo dos catálogos é simplesmente o de permitir que os livros sejam encontrados *sem trabalho e sem dificuldade*. Quase quatrocentos anos depois do livro de Naudé, a Revista da Biblioteca Nacional da França, em seu editorial, registra algo semelhante afirmando que o objetivo dos catálogos desta instituição é oferecer ao utilizador o mais pertinente e mais simples acesso ao máximo de *informações possíveis*[3]. Exaustividade e simplicidade: são estes os objetivos dos catálogos.

Entretanto, esta não é uma tarefa fácil quando se trata de organizar os mais variados conhecimentos acumulados, pois os critérios de catalogação são sempre incompletos e arbitrários. Porém, é graças às pessoas que ousam estabelecê-los que o conhecimento se torna acessível e passível de engendrar mais conhecimento.

[2] Apud BURKE, Peter. Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003, p. 98.

[3] BEAUDIQUEZ, Marcelle. Revue de la Bibliothèque Nationale de France, n.9, 2001, p. 16

Assim, a publicação deste volume *Inquilinos da vida, hóspede do tempo: um estudo sobre os livros do Museu da escola Catarinense*, acrescido de um catálogo dos volumes da biblioteca, é uma louvável iniciativa da professora Maria Teresa Santos Cunha. Teresa e suas bolsistas, tornaram possível, com seu trabalho, o acesso a este rico acervo elaborado com o objetivo de preservar o patrimônio escolar catarinense.

Classificando os livros a partir das datas de edição, as pesquisadoras nos permitem identificar as características mais expressivas desta coleção: os temas mais contemplados, os livros mais raros, os registros dos leitores e as indicações de leitura.

A partir do levantamento por elas realizado, ficamos sabendo que cerca de 50% do acervo refere-se a livros das áreas de Educação, História (aí incluídas também as biografias), Língua portuguesa e obras ficcionais, mais especificamente os romances. E que os demais exemplares são obras de referência, livros religiosos, anuários, ensino de língua estrangeira e demais disciplinas escolares.

O catálogo, no entanto, não se limita a essas informações gerais e nos surpreende com algumas preciosidades bibliográficas, como o livro *Viagens Maravilhosas. Uma cidade flutuante*, de Julio Verne, numa publicação do editor David Corazzi/ Horas Românticas, de 1887[4].

[4] David Corazzi foi um importante editor do final do século XIX, em Portugal. Publicando livros em fascículos, Corazzi montou uma das maiores e mais importantes editoras portuguesas do período – A Editora – mais tarde adquirida por Francisco Alves, editor português radicado no Brasil.



Ele nos informa ainda muito mais sobre este precioso acervo das memórias escolares catarinense. Na parte que se refere às categorias especiais, as pesquisadoras recuperaram a ação de tradutores, autores de prefácios, posfácios e “orelhas”, ilustradores, bem como a existência de marginálias, carimbos, dedicatórias e anotações. Por meio das referências elaboradas por elas, encontramos bilhetes escolares, anotações estudantis, indicações de leituras, resoluções de exercícios e até poemas de amor, copiados, possivelmente, por algum leitor apaixonado. Estes dados – mais que especiais – confirmam o que outros pesquisadores já identificaram em trabalho sobre o comércio de livros usados, isto é, que os volumes chegam trazendo *dentro de si (...), expressões de leituras sobre o corpo do texto, registradas pelo leitor*[5]. E assim, abrem múltiplos caminhos à história dos livros e a história da educação, destacando o mais difícil aspecto a ser abordado: a leitura.

Para a nossa sociedade completamente inserida no mundo da cultura escrita, o valor dos livros está centrado não apenas na sua posse material, mas, justamente, na *experiência resgatada das páginas e novamente transformada em experiência, em palavras que se refletem tanto no mundo exterior quanto no próprio ser do leitor*[6]. É a leitura o que se espera, é a leitura o que se busca encontrar e é este objetivo fugidio que não se encontra senão por meio daqueles que nos auxiliam nessa empreitada: os ordenadores do universo. Teresa, Mônica e Anamaria são, aqui, as nossas eficientes “ordenadoras do universo” dos livros escolares catarinense e só este motivo, a despeito de todos os outros que certamente os leitores vão encontrar, já vale esta publicação.

[5] DELGADO, Márcia. Cartografia sentimental de sebos e livros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 85

[6] MANGUEL, Alberto. Biblioteca à noite. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 83.

# Bibliografia

BEAUDIQUEZ, Marcelle. **Revue de la Bibliothèque Nationale de France**, n.9, 2001.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.

DELGADO, Márcia. **Cartografia sentimental de sebos e livros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

LESAGE, Claire e NETCHINE, Eve. **Je ne sais pás de lecture plus facile, plus attrayante, plus douce que celle d'um catalogue**. *Revue de la Bibliothèque Nationale de France*, n. 9, 2001, pp. 28-32

MANGUEL, Alberto. **Biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VENANCIO, Giselle. **As flores raras do jardim do poeta**. O catálogo da coleção Eurico Facó. Fortaleza: Museu do Ceará/Secult, 2006.



# Tabela I

<b>ÁREA DE CONHECIMENTO</b>	<b>EXEMPLARES</b>	<b>PARTICIPAÇÃO (%)</b>
Didática, Pedagogia, Educação	62	22
História, Biografias	33	12
Romance	28	10
Português e Literatura	28	10
Economia, Política, Sociologia	20	7
Matemática	13	5
Enciclopédias (volumes)	14	5
Ensino de línguas estrangeiras	12	4
Edições em línguas estrangeiras	12	4
Latim	12	4
Anuários, Boletins	9	3
Acervos, Museus	8	3
Dicionários	6	2
Geografia	6	2
Desenho	4	1,5
Música	4	1,5
Ciências	4	1,5
Municípios	3	1
Religião	2	0,7
Oratória	2	0,7
<b>TOTAL DE EXEMPLARES</b>	<b>277</b>	<b>100</b>

**NÚMERO DE EXEMPLARES / ÁREA DE CONHECIMENTO**

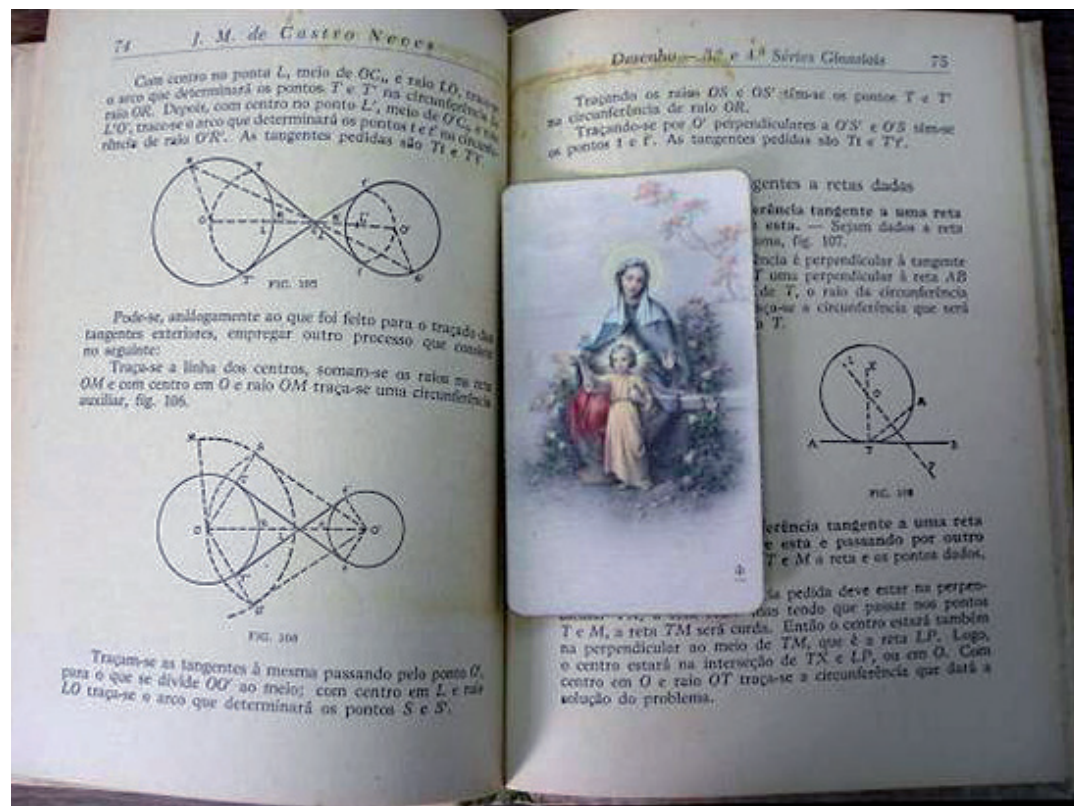
# Marcas de Leitura

Livros que chegavam trazendo, muitas vezes, dentro de si, cartas, marca-textos, dedicatórias, bilhetes de amor, anúncios de época, notas fiscais, flores amarelecidas, anotações às margens do texto, grifos, retratos, santinhos, e tantas outras impressões e expressões de leitura sobre o texto, registradas pelo leitor, guardadas no corpo do texto e que reuniam um rico material para se refletir acerca de outras possibilidades de leitura.

**Márcia Cristina Delgado**

# Objetos – Relíquias

Guardados no interior dos livros.



Objeto encontrado no interior de um exemplar de 1955.

Desenho para 3º e 4º séries, da Cia. Ed. Nacional.

Acervo: 99 A1

# Objetos – Relíquias

Marcas de uso que sinalizam para uma História de leitores.

Folha encontrada no interior de um exemplar de 1925

NOVAES, Carlos. Geografia Secundaria. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1925.

Acervo:139 A1



# Marginálias

Já há algumas décadas a sociedade vem sendo brindada com a publicação ou exposição de materiais antes relegados a um plano secundário – cartas, anotações, bilhetes, observações à beira das páginas dos livros (também conhecidas como “marginálias”). Todo esse rico acervo, antes esquecido, tornou-se importante para a compreensão do processo criativo de escritores, artistas e intelectuais. Através desses registros de cunho pessoal, aspectos novos foram lançados sobre movimentos políticos e estéticos da cultura mundial. Registros da intimidade revelados ao grande público, como cartas, bilhetes e anotações, ajudam a entender vida e obra de expoentes de uma época

Danilo Santos de Miranda  
Diretor Regional do Sesc São Paulo



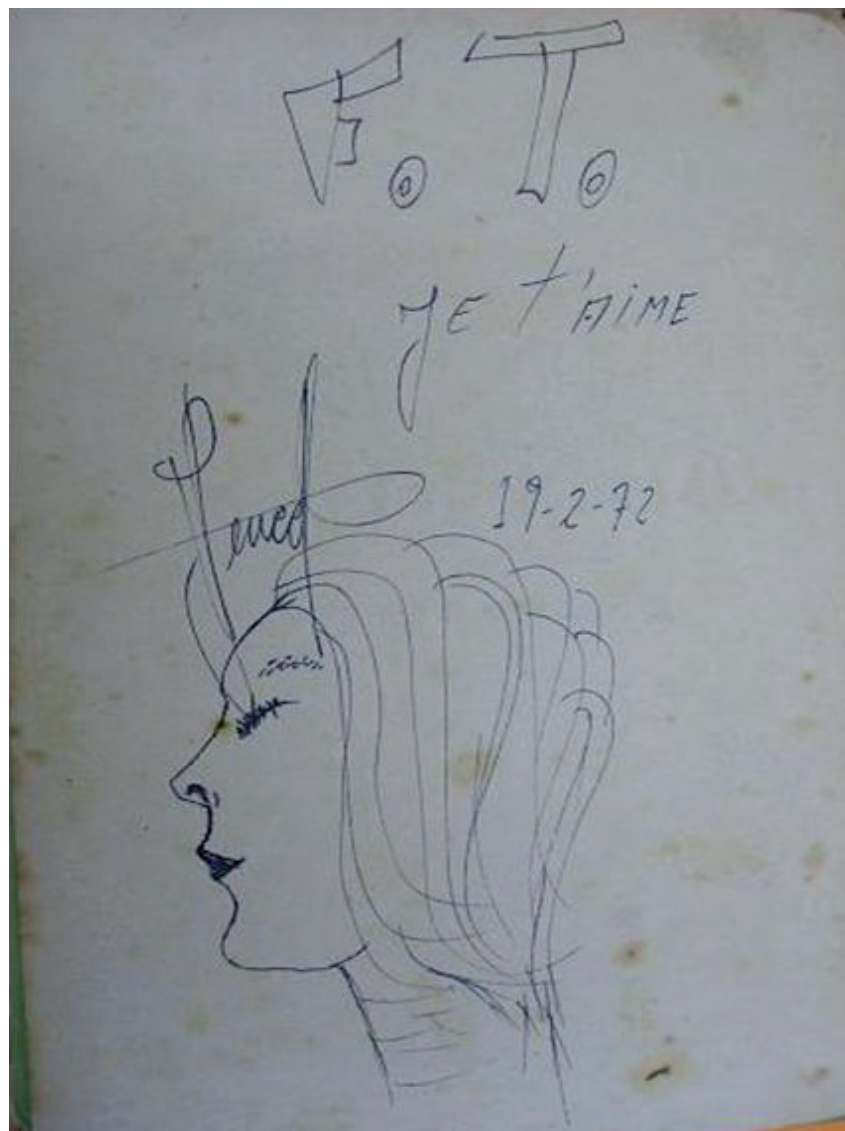
As margens, em si, fornecem indícios para a experiência dos leitores comuns. (...) o significado de um livro não está determinado em suas páginas; ele é construído por seus leitores.

**Robert Darnton**

Desenho encontrado no interior de um livro de Português moderno para 4ª série.

GIACOMOZZI, Gilio. São Paulo: FTD, 1954

**Acervo: 107 A1**



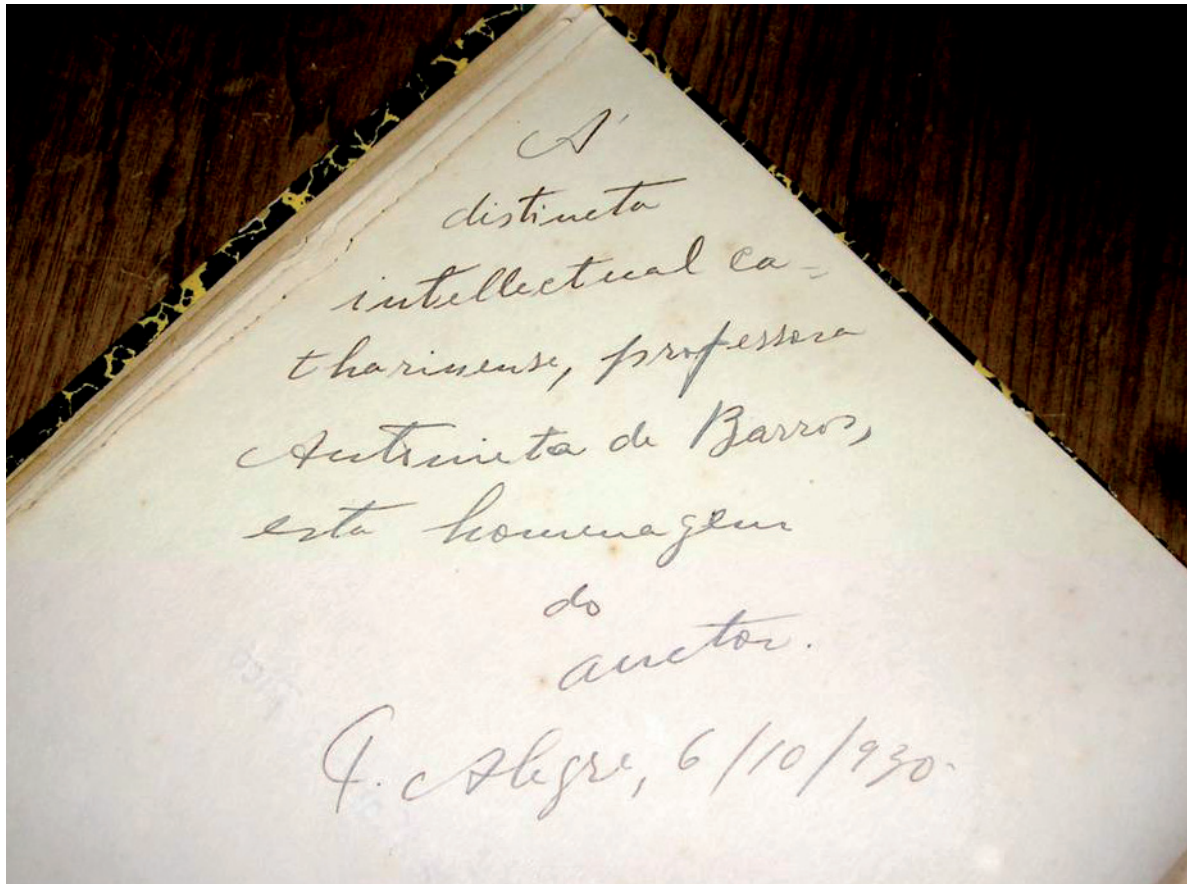


# Dedicatórias

“A dedicatória (...) um verdadeiro rito. Ela pode ser, tratando-se de um impresso, a oferta de uma cópia manuscrita com bela caligrafia e ricamente ornamentada.(...) Na cena da edicatória, a mão do autor transmite o livro à mão que o recebe, a do príncipe, do poderoso ou do ministro.”

**Roger Chartier**





BAHLIN, Jorge. História da Civilização. Vol. 1. Porto Alegre: Editora Carlos Muller, 1929.

**Acervo: 178 A2**

**“À distinta intellectual catharinense, profesora Antonieta de Barros, esta homenagem do auctor. Porto Alegre, 6/10/1930”.**

# Marcas de Uso

O texto encontra sentido no momento em que tem leitores dispostos a fazê-lo próprio.

**Antonio Castillo**

Universidad de Alcalá de Henares  
Espanha



Dedicatória e rabiscos encontrados no interior de Primeiro Livro de Leitura, de Henrique FONTES, Henrique Florianópolis: Livraria Central, 1951  
**Acervo: 69A1**



# Marcas do Tempo

...olho as estantes que contêm os livros de que mais gosto. A aquisição de cada um foi o resultado de longas espreitas, pesquisas, paqueras, paciências e esperas – como na conquista das amadas. São os que funcionam como ‘madeleines’ – gatilhos me restituindo gente, situações, lugares, como foram vistos no dia, na noite, no frio, no calor, na sua cor, no perfume de cada hora, nos mundos táteis, gustativos que eles ressuscitam...

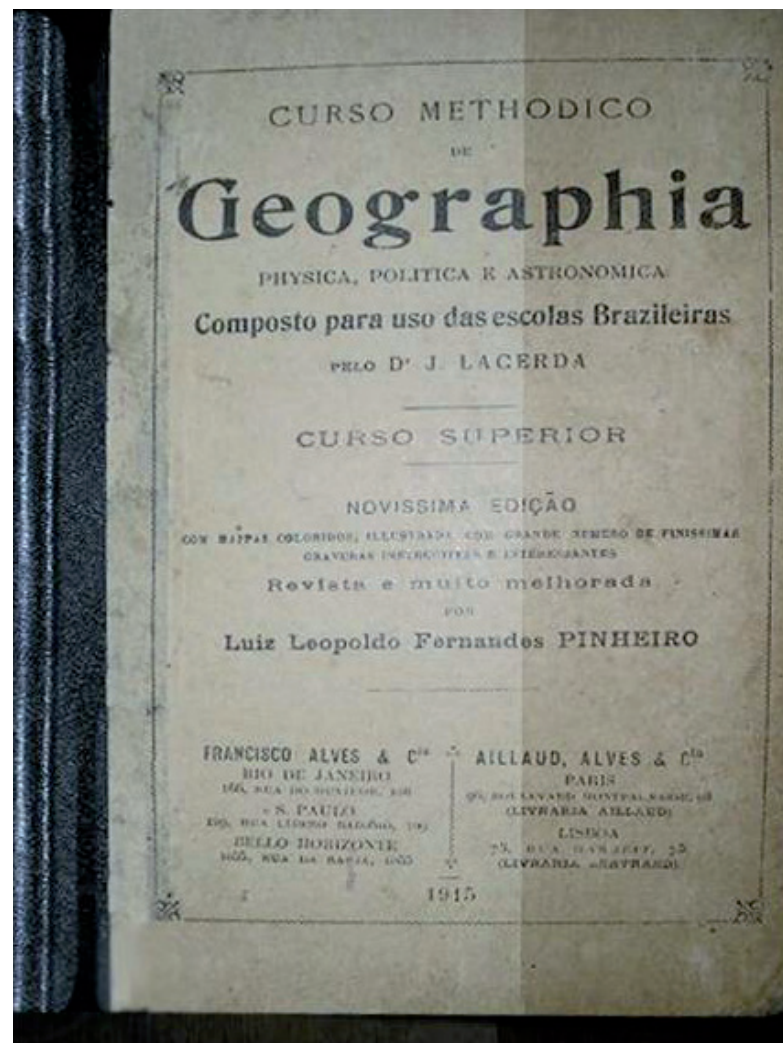
**Pedro Nava**

Alguns volumes do acervo apresentam **marcas** do tempo.

Neste exemplar de **1915**, a aderência da orelha interna provocou uma espécie de sombra.

LACERDA, Dr. J. Curso Methodico de Geografia Física, Política e Astronômica. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Francisco Alves e Cia., 1915.

**Acervo: J.134 A1**





Manchas de **tinta** para caneta bico-de-pena neste exemplar de 1922.

Poli, F. Boaventura. Catecismo Maior da Doutrina Cristã. Typografia de São Francisco, 1922.



Os livros têm as conotações mais poderosas e sutis, pois nunca são apenas objetos, têm uma voz com a qual falam através do tempo e das vidas, uma voz que só parcialmente depende da sua natureza material. (...) eles são, ao mesmo tempo, relíquias de uma época diferente e de personalidades para sempre jovens, falando como objetos e como livros, a partir de sua própria época e da época do leitor.

# Philipp Blom

Diversos **anúncios** publicitários aparecem entre as capas e contra-capas deste exemplar, de **1912**.



Edição em língua alemã, de **1912**, em caracteres **góticos**.

Não consta nome do Autor nem da Editora.

Bibliothek der Unterhaltung und des Wissens



## A "Série Fontes"

Desde o início da década de vinte, nas escolas públicas de Santa Catarina passou-se a utilizar as chamadas "Série Fontes", um conjunto de livros para o ensino primário escrito pelo então Diretor da Instrução Pública de Santa Catarina, o professor Henrique da Silva Fontes.

**Norberto Dallabrida**

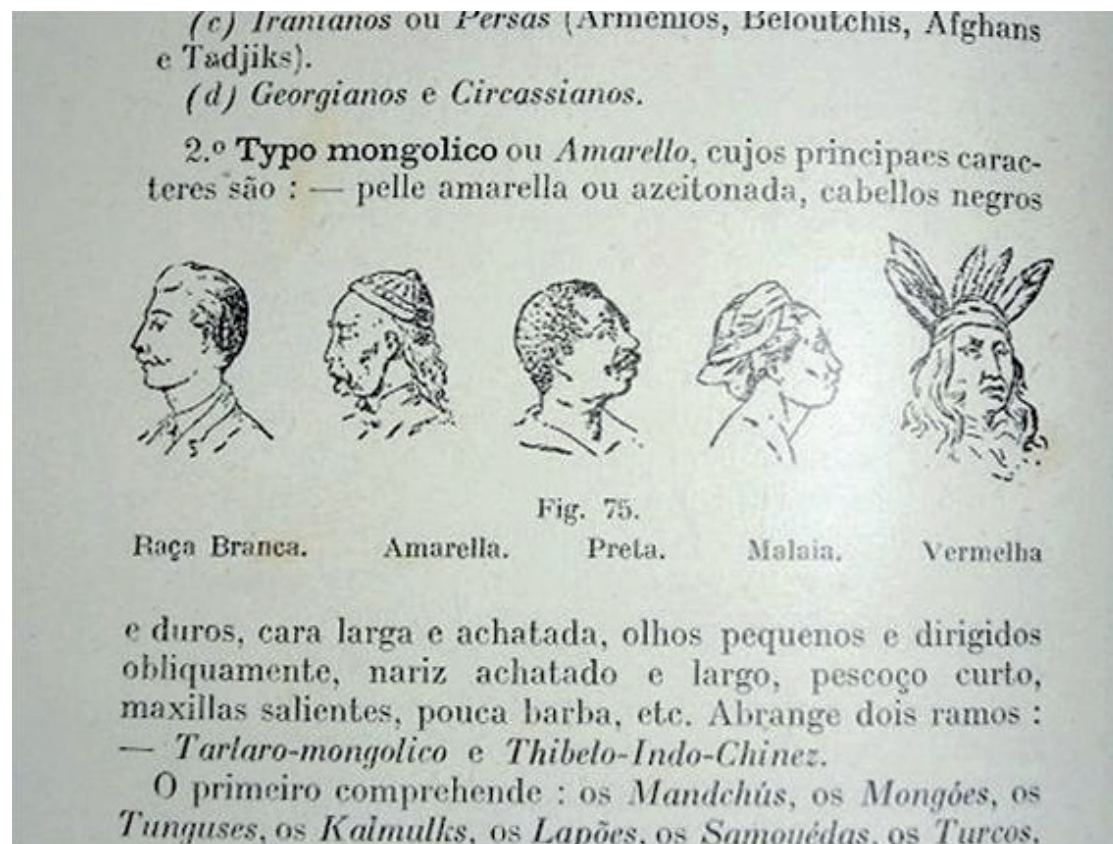


FONTES, Henrique  
Segundo Livro de Leitura. Florianópolis:  
Livraria Central, Série Fontes, 1922.

**Acervo: 61A1**



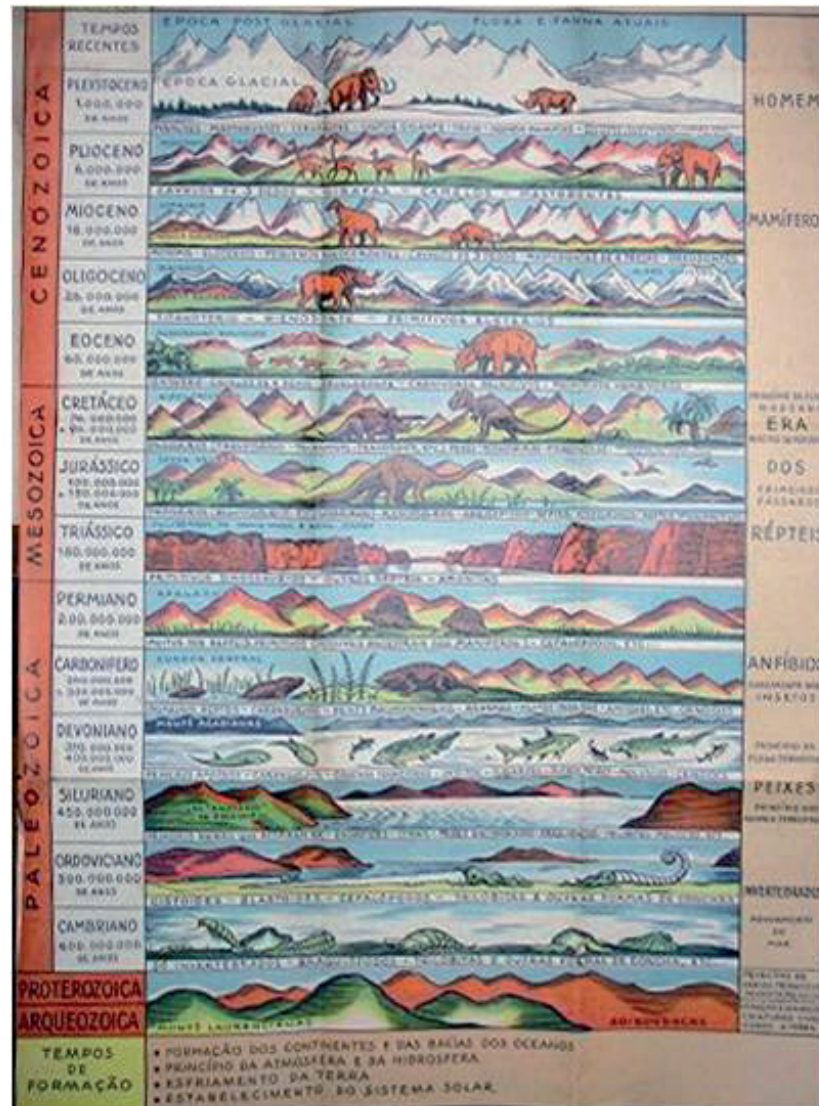
Nas primeiras décadas do século XX houve uma grande circulação das idéias evolucionistas propiciadas pelos trabalhos de Charles Darwin, também presentes nos livros didáticos.



NOVAES, Carlos  
Geografia Secundaria. Rio de Janeiro:  
Livraria Francisco Alves, 1925.

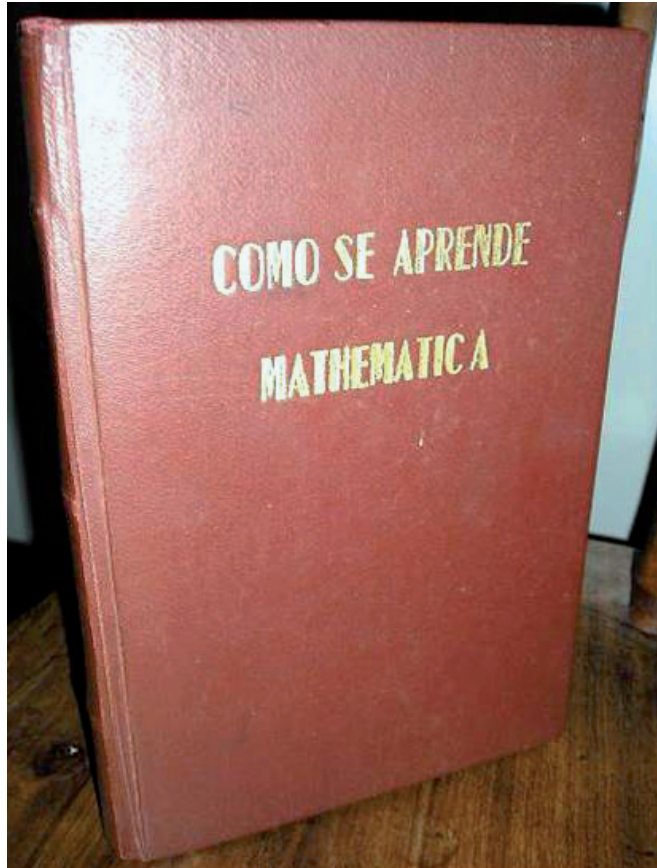
**Acervo:139A1**

VERÍSSIMO, Érico  
 Viagem à Aurora do Mundo  
 Porto Alegre: Livraria do Globo.  
 Coleção Tapete Mágico, 1939  
**Acervo: 21A1**





## Edições em Capa Dura: A Companhia Editora Nacional



CRISTOFARO, Saverio  
Como se Aprende  
Mathemática. São Paulo:  
Cia. Ed. Nacional,  
1930.

**Acervo:125A1**

SEIGNOBOS, Charles  
História sincera da  
França. São Paulo:  
Cia. Editora Nacional,  
1938.

**Acervo: 221A2**





## Hino à Divina Providência

**HINO À DIVINA PROVIDÊNCIA**

*ESCRITO POR*  
Dionísio  
Eusebio  
De ignota descendência  
Nobre  
De Deus Pai  
A Div. Providência  
Que difunde aos olhos os benefícios seus  
Desconhecido o interesse em Jesus Redentor.

**G**lória a ti, Providência Divina!  
Glória ao Pai que seus filhos cria,  
Com amor e bondade gratuita,  
Pela tua a criação da cruz.

*Aparecebas em verdes campinas,  
Teu rebanho de ovelhas fiéis,  
A buscar-te, quous gregeis stultas,  
Fecisti fonte em floridos xeróis.*

*Tu que os lírios do campo redizte,  
De candura e esplendor sem igual,  
Com paterno amor construíste,  
No telhado, o teu ninho ao parval.*

— 12

**F**lorido o mundo. E como se querias mostrar, a variedade com que se abrem o dia e a noite, o dia e as terras, a riqueza e a miséria, o céu e o mar, a ventosa e a derrogante.

Com mãos festivas surge de novos matizes as colinas, matizes da ciência, ao espírito viciado e não dor a fé, lança uma riqueza aos ares, chama aos desolados com lágrimas de fogo sobre os laços dos peitos e abria o grande esplendor, que lhe impõe, sempre.

Mas há quem lhe detenha a vaidosa mirabolante. Há quem veloque um cálice sobre a terra, um cálice pagante, mas amargo — o cálice da dor — o cálice da salvação, a transbordar seu conteúdo puro e rutilante como as mares que bordejam o poente das montanhas tardes de verão.

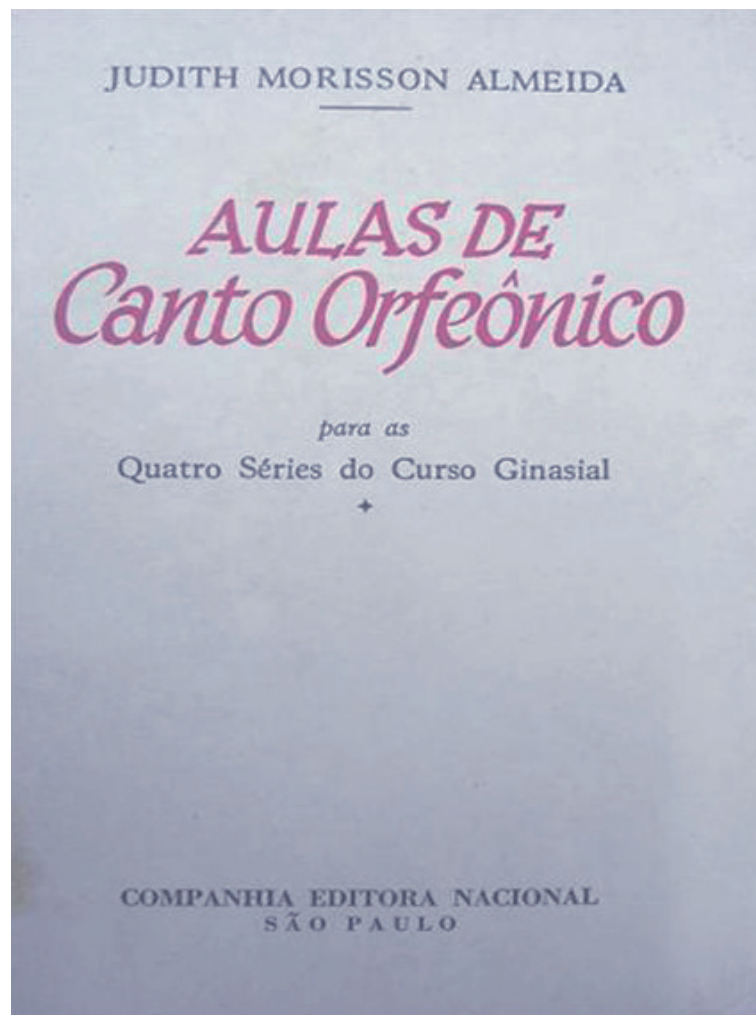
O cálice da dor... Distilam-se nas almas os purpúreos gotas de sofrimento, purpúreas nas unhas; amargos mas santificados na cruz do Deus Homem. Sim, foi Ele quem delas sagrou o conteúdo, para se tornar a esperança dos desesperados, a Hóstia três vezes bendita dos novos altares. E haverá quem não levante os olhos ao grande refrigerador feito Hóstia tão pequena, tão silenciosa, tão branca e inoculada, Jesus?

Só quem não conhece. Só quem não sabe dizer Credo in Jesum Christum qui susceptus est de Spiritu Sancto. O espírito do pai e do filho paira sobre ela, „vita et veritas sempiterna“.

O cálice da dor, a Hóstia da salvação, a espírito da verdade e, por cima de tudo, o Deus de amor. Vê os desígnios do pai como reunidos num largo feixe, que liga o Céu à Terra. Alma pequena, que bebeste uma gota daquele cálice, levanta-te, Abre de par em par tuas portas ao evangelho da paz! As três

— 5

## A Congregação do IDP



MORRISON ALMEIDA, Judith. Aulas de Canto Orfeônico para as Quatro Séries do Curso Ginásial.

São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957

**Acervo: 117**

...na intimidade da maioria, com efeito, o impresso penetra, mobilizando as afetividades, fixando a memória, guiando as práticas.  
**Roger Chartier**

Ai que prazer  
Não cumprir um dever,  
Ter um livro para ler  
E não o fazer!  
Ler é maçada.  
Estudar é nada  
O sol doira  
Sem literatura

**Pessoa**

**Fernando**

O rio corre, bem ou mal  
Sem edição original.  
E a brisa,essa,  
De tão naturalmente matinal,  
Como tem tempo não tem pressa...  
Livros são papéis pintados com tinta.  
Estudar é uma coisa que está indistinta  
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

**Vinheta**  
**Silêncio cinzento**  
**na tarde chuvosa.**  
**Fim de festa,**  
**livro fechado,**  
**adeus.**  
**Cleber Teixeira**

Porto.PINHEIRO, José (org.). Selecta Latina  
Livraria Apostolado da Imprensa, 1951

**Acervo: 20A1**



# Bibliografia

ABREU, Márcia de (org). **História e História da Leitura**. Campinas (SP) Mercado Aberto/ ALB.SP:FAPESP, 1999 (Coleção História da Leitura)

BASTOS, Maria Helena Câmara, CUNHA, Maria Teresa Santos e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Destinos das Letras**. História, Educação, Escrita Epistolar. Passo Fundo, Editora da UF, 2002.

BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BLOM, Philipp. **Ter e manter**. Uma história íntima de colecionadores e coleções. RJ: Record.2003

BURKE, Peter. **Variedades da História Cultural**. RJ: Civilização Brasileira, 2000

BORGES, Jorge Luis. **Borges Oral**. Madrid: Bruguera,1984.

CAMARGO, Marilena. **Coisas Velhas**. Um percurso de investigação sobre cultura escolar. (1928-1958). SP: Editora da UNESP, 2000.

CARVALHO, Kátia. **Travessia das Letras**. RJ: Casa da Palavra, 1999.

CASTILHO, Antonio Gomez de. **De las Tablillas a la Internet: La cultura escrita en la larga duración**. Educação Unisinos, vol. 7/ n. 12/2003/p. 129-169

CASTILHO, Antonio Gomez. **Historia de la Cultura Escrita**. Astúrias: Ediciones Tres, 2001

CERTEAU, Michael de. **Ler: Uma operação de caça**. In: A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. P. 267

CHARTIER, Anne-Marie HEBRARD, Jean. **Discursos sobre a Leitura**. SP: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro, do leitor ao navegador**. SP :Editora da UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre Práticas e representações. Lisboa: Difel, 1989.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília, D.F.: Ed. da UNB, 1994.

CHARTIER, Roger. **Leituras e Leitores na França do Antigo Regime**. SP: UNESP, 2004.

CÍCERO, Antonio. **As cidades e os livros**. RJ: Record: 2002. p. 75

\_\_\_\_\_ **A aventura do livro**. Do leitor ao navegador. SP: Editora da UNESP, 1898.

\_\_\_\_\_ **As utilizações do objeto impresso**. Lisboa: Difel, 1998.

CADERNOS CEDES/52. Cultura escolar: Práticas, Representações. UNICAMP, 2001

DALLABRIDA, Norberto. **O Grupo Escolar Arquidiocesano São José e a (re) produção das classes populares em Florianópolis**. Disponível em: [www.amped.br](http://www.amped.br). Acessado em: 25/07/06.

DARNTON, Robert. "Uma história da leitura" In: BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. SP: Ed. UNESP, 1992. p.199-232.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: Leitores e Leitura**. SP: Moderna, 2001.

\_\_\_\_\_ e ZILBERMAN, Regina. **O Preço da leitura. Leis e números dos detrás das letras**. SP: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_ **A formação da leitura no Brasil**. SP: Ática, 1996.

LEITURA: PRÁTICAS, IMPRESSOS, LETRAMENTOS/ António Augusto Gomes Batista e Ana Maria Galvão (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LYONS, Martyn e LEAHY, Cyana. **A palavra impressa**. Histórias da leitura no século XIX. RJ: Casa da Palavra, 1999.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. SP: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_ **Lendo Imagens**. SP: Companhia das Letras, 2001.



MEYER, Marlise. **Caminhos do Imaginário no Brasil**. SP: EDUSP, 1993.

\_\_\_\_\_(org.) **Do almanak aos almanaques**. SP: A telié Editorial, 2001.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **A leitura de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

MORAIS, José. **A arte de ler**. SP: Ed. UNESP, 1996.

NAVA, Pedro. **Galo-das-trevas**. RJ:Record, 1984.

OLSON, David. **O mundo do papel**. As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. SP: Ática, 1997.

RAMOS, Maria Bernardete. **Um Brasil Varonil**. Os livros de leitura do professor Fontes e a Virilização da Raça. Trabalho apresentado no IV Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Porto Alegre/2002. Em CD ROM.

SANTOS, Paulete C. **Protocolos do Bom Cidadão**. Um estudo das Cartilhas da série Fontes. Dissertação de Mestrado. (História) UFSC, 1996.

PAIVA, Aparecida. **A voz do veto**. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Campinas (SP), Pontes, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. **As palavras**. RJ: Nova Fronteira, 1972.

SCHWACZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis: Do terremoto de Lisboa á Independência do Brasil**. SP: Companhia das Letras, 2002.

TEIXEIRA, Cleber. **Velhos e Novos poemas**. Florianópolis:Editora Noa ,1987

VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar: Livros, leituras e práticas de formação**.





# **Nomes próprios, relíquias e dedicatórias: Uma biblioteca anotada.**

**Caminhos do leitor no acervo de livros escolares no Museu da Escola  
Catarinense (décadas de 20 a 60/século XX)**

**Maria Teresa Santos Cunha**  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Programa de Pós-Graduação em História  
Universidade do Estado de Santa Catarina / UDESC

“Estou desempacotando minha biblioteca.  
Sim, estou. Os livros, portanto, ainda não estão nas es-  
tantes; o suave tédio da ordem ainda não os envolve.”

(Walter Benjamin)<sup>[1]</sup>

[1] BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. Imagens do Pensamento. SP: Brasiliense, 1987.p. 229.

# À MANEIRA DE UM PRÓLOGO.

Com amoroso cuidado Walter Benjamin realça a operação de desempacotar livros *sem o suave tédio da ordem* e a leitura de seu breve texto permite pensar em bibliotecas e em livros com e sem ordem que figuram em suas estantes. Como em um caleidoscópio, o pensamento vagueia e gera imagens que remetem às delicadas relações entre livros e leitores visíveis tanto nas bibliotecas efetivas, como nos trajetos feitos e nas marcas deixadas nas *bibliotecas anotadas*[2] que chegam até os dias de hoje graças a outros olhares sobre a história das práticas de leitura. Convencionou-se chamar bibliotecas anotadas os livros portadores de marcas deixadas pelos leitores, livros que trazem em suas páginas fragmentos da presença leitora como o nome do dono, carimbos de compra, anotações à margem, dedicatórias e mesmo objetos pessoais (santinhos, flores secas, bilhetes, etc), vestígios que indicam caminhos percorridos durante o ato da leitura.

Perseguir tais anotações singulares, depositadas nas margens e nas entranhas dos livros que compõem o acervo do Museu da Escola Catarinense[3] e extrair alguma significação desse material foi tarefa possível a partir de diálogos teóricos com uma história cultural de cunho etnográfico (DARNTON, 1986), alimentada pela análise de práticas e objetos culturais de sujeitos que ajudam a construir uma história do livro e da leitura relativas tanto à materialidade dos impressos como às marcas de leitura (CHARTIER, 2007), sem perder de vista a recomendação de que a *difusão de um fenômeno, quem sabe até documentado de maneira fragmentária (...) pode ser muito mais esclarecedora do que uma enorme quantidade de documentos repetitivos.* (GINZBURG, 2007, p. 293)

[2] Termo utilizado por Daniel Link (UBA/Argentina) disponível em [www.bnm.me.gov.ar](http://www.bnm.me.gov.ar) (acesso em 18/10/2008)

[3] / O Museu da Escola Catarinense foi concebido pela Prof<sup>a</sup>. Maria da Graça Vandresen /UDESC/ (1992) e situa-se à Rua Saldanha Marinho, 196/ Centro (Florianópolis), no prédio originalmente construído para Escola Normal na década de 1920 e que abrigou, até 2007, a Faculdade de Educação/ FAED/ UDESC.

Este estudo tem por objetivo construir conhecimentos acerca de uma história das práticas de leitura pela via dos vestígios deixados pelos leitores nas páginas dos livros e utiliza dados de uma pesquisa que procurou sistematizar um acervo composto por 277 livros escolares que se encontra nas dependências do Museu da Escola Catarinense, em Florianópolis (SC)[4].

O Museu da Escola Catarinense é uma instituição ligada à Universidade do Estado de Santa Catarina/ UDESC, foi criado em 1992 e tem por objetivo ser um espaço educativo não formal, para a preservação do patrimônio cultural catarinense ligado à educação.

Realiza ações de recolha e preservação do patrimônio escolar em Santa Catarina com levantamento e catalogação de seu acervo. Livros, cadernos, objetos escolares, brinquedos infantis, registros visuais, escritos, sonoros e iconográficos que contam um pouco da história da escola e da cultura escolar em Santa Catarina e no Brasil desde os finais do século XIX até a década de 1980 do século XX, constituem o seu acervo[5].

[4] Projeto de Pesquisa: "Hóspedes do tempo, inquilinos da vida. Um estudo sobre o acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense", coordenado por Maria Teresa Santos Cunha/UDESC, com a participação das bolsistas de Iniciação Científica Ana Lúcia Menna Barreto e Mônica Sol Glik, realizado entre 2005 e 2007, Ana Luíza S. M. Andrade, Elaine Maria de Quadros e Patrícia Schwarz entre 2008 e 2009

[5] No Museu da Escola Catarinense, a Prof<sup>a</sup> Dra. Vera Lúcia Gaspar da Silva e a pedagoga Marília Gabriela Petry /UDESC organizaram o Catálogo "Brinquedos da minha Infância. Coleção Aldo Nunes", Florianópolis: Secretaria de Estado de Administração – Diretoria de Gestão Documental, 2008, como parte do Projeto de Extensão "Objetos da Escola: registro e inventário dos móveis e objetos do acervo do Museu da Escola Catarinense", coordenado pela referida professora.

Estes livros foram oriundos de doações feitas por ex-professores, ex-alunos e pessoas comuns que se sensibilizaram com a criação do Museu e, ao que tudo indica, eram livros utilizados por estas pessoas no exercício do magistério e, em menor número integravam suas bibliotecas privadas. A investigação, inicialmente empreendida, permitiu descortinar um repertório de obras em circulação, entre as décadas de 1920 a 1960, principalmente nos ambientes escolares em Santa Catarina[6] e resultou na Publicação desse material[7].

Mapeados 277 volumes, encontrou-se em 90 exemplares a presença efetiva de leitores, dada a ver através de diferentes marcas em suas páginas. Os caminhos dos leitores pelos livros foram expressos por assinaturas manuscritas ou por carimbos dos proprietários e/ou dos locais de compra, anotações em suas margens (conhecidas como *marginálias*); dedicatórias e, ainda, pelos objetos esquecidos dentre suas páginas, tais como flores secas, fotografias, santinhos religiosos, bilhetes, considerados como *objetos-relíquia* e que estão sendo analisados como *dotados do poder de lembrar os amores e as amizades; registros de anotações íntimas e particulares, muitas vezes conservados pela escrita*. (RANUM, 1991, p.215)

[6] Durante o ano de 2007 e até o presente momento, outros livros chegaram ao acervo, entretanto, este trabalho centrou-se no total de volumes mapeado até 2006.

[7] Projeto de Pesquisa "Hóspedes do Tempo, inquilinos da vida. Um estudo do acervo dos livros escolares do Museu da Escola Catarinense (1850-1990)".


Ancorada nesta documentação polissêmica foram levantadas algumas possibilidades para uma operação historiográfica – produzir um discurso e selecionar diálogos teórico-metodológicos – que permitissem iluminar as seguintes indagações: Que marcas os leitores deixavam, materialmente, nos livros? O que poderiam evidenciar diferentes marcas deixadas nos livros, sobre os processos de leitura? Assinar seu nome, escrever comentários em um livro poderiam ser atos de apropriação, necessidades de possuidor? As dedicatórias, majoritariamente presentes; as relíquias pessoais deixadas; as anotações feitas às margens; as frases sublinhadas; poderiam ser entendidas no umbral da relação leitura e escrita? Enfim, como leitores caminham pelos textos...

É bem provável que todas estas indagações não sejam totalmente respondidas, entretanto, acercar-se delas, produzir conhecimentos, contribuir criticamente com questões singulares ligadas à história da leitura configura-se como um modo privilegiado de acesso a vestígios de sensibilidades, de encenação de atos rituais, de reconhecimento de sociabilidades geracionais ligadas aos livros e às práticas de leitura. *Trilhar estes caminhos predispõe à aventura da pesquisa, da descoberta (...) e faz do historiador um construtor do passado nas andanças do presente.* (ALBUQUERQUE, 2007, p.250- 254)

# Dos livros no acervo


O acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense reúne materiais relativos aos processos da escolarização formal em Santa Catarina e vem merecendo investigações por parte de pesquisadores da História da Educação. Aparentemente silenciosos, eles se hospedam, ainda sem muita ordenação catalográfica, em prateleiras e caixas. Portadores de discursos variados, formadores de imaginários são fontes para o estudo da escola e da cultura escolar haja vista sua circulação no contexto da institucionalização da educação elementar, em Santa Catarina, a partir dos finais do século XIX. Considerados dispositivos textuais, os livros escolares *produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ele menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.* (CHARTIER, 1989, p.17)





Dentre as várias formas que simbolizam as aprendizagens, o livro escolar ocupa relevante papel e seu uso sinaliza para práticas de leitura e escrita na educação escolarizada. Na perspectiva da História Cultural, os livros escolares não são simples objetos ou meios técnicos para implementar uma proposta pedagógica; são espaços de memória que representam códigos de vida das instituições e dos homens que as conformam. A idéia de educar sujeitos leitores foi sendo produzida gradativamente nas formas de ensinar e exercitar a leitura, na divulgação do material impresso e até nos discursos de intelectuais interessados na educação de crianças e jovens[8] e para esta empreitada o objeto livro figura com excelência.

A partir desse acervo, ainda intacto, do ponto de vista de estudos históricos, procurar-se-á mostrar uma catalogação dos livros por período (TABELA I) e empreender interpretações sobre os caminhos que os leitores faziam com os livros nas mãos, colhendo nestas pistas, maneiras de ler e formas de como pessoas habitavam o mundo dos livros.




## Tabela II

<b>DÉCADA</b>	<b>QUANTIDADE DE EXEMPLARES</b>	<b>PARTICIPAÇÃO NO ACERVO (%)</b>
1950	46	17
1960	38	14
1940	35	13
1990	32	12
1920	20	7
1970	18	6
1930	17	6
1910	8	3
1980	6	2
1800	4	1
1900	3	1
Não consta	50	18
<b>TOTAL</b>	<b>277</b>	<b>100</b>

Fonte: Acervo dos livros do Museu da Escola Catarinense/ 2005/06

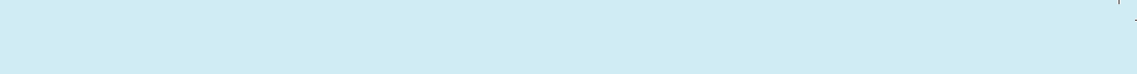
## **CLASSIFICAÇÃO DO ACERVO POR PERÍODO: DATA DA EDIÇÃO**



O levantamento do acervo identificou 277 exemplares até a finalização da etapa de coleta de dados, finalizada em 2006. Os livros, para efeitos de pesquisa, foram classificados segundo a época de sua edição. A pesquisa evidenciou que entre as décadas de 1930 a 1950 há maior número de exemplares disponíveis. Tal dado nos permite inferir que este período coincide com a consolidação da leitura e do livro escolares tanto pela ampliação do parque gráfico nacional (que barateou o preço dos livros) como pelo incentivo à formação de leitores pela Escola, que incentivava, em suas práticas, a leitura, consolidando-a como um saber escolar. A periodização corresponde a um momento relativamente estável de construção, consolidação e transformação do livro escolar em Santa Catarina, marcado por sua nacionalização, pelo investimento em políticas governamentais para sua disseminação e pelo fortalecimento feito pela educação escolarizada nas práticas de leitura para *formar o cidadão*.

As doações foram feitas na década de 1990 e pode-se pensar que seus doadores - ex-professores, ex-alunos e suas famílias - quisessem garantir espaço para conservação e salvaguarda desses materiais, que custou vidas e teve preço e foram muitas vezes considerados como *ordinários*, sem valor de troca. Ademais, sua presença em um Museu conferiria significado, ilusão de perenidade e permitiria um nexo entre o presente e o pretérito e até um esforço desesperado para escapar do desaparecimento, da trituração do tempo. Geralmente, sobreviventes salvos do fogo ou do lixo, os livros doados são, *quase todos pequenos santuários de diferentes passados, fugas do presente* (BLOM, 2003, 188). O número relativamente elevado (32 de exemplares) de livros doados cujas edições datam da década de 1990, ao que as pesquisas mostram, está associado à presença de séries didáticas, muitas das quais distribuídas gratuitamente pelo governo.

A Tabela I, já mostrada, evidencia a área de conhecimento dos livros e o número de exemplares.




Fazendo jus ao tipo de acervo que privilegia objetos e materiais relacionados à escola, a temática dos livros contempla majoritariamente a área de Educação (Didática e Pedagogia) e este pode ser um indício da composição de bibliotecas profissionais (no caso, de professores/ as) idéia reforçada pela própria identidade/ profissão dos doadores identificados. A presença, em segundo lugar, de temáticas relacionadas à História/ Biografias sinaliza para uma tipologia de escrita da História, respaldada em um estilo laudatório e com caráter de exemplaridade, em voga entre as décadas de 1930 a 1960, especialmente.

Leituras românticas respondem por um número significativo de exemplares (28 exemplares, 10% do acervo). Elemento de sociabilidade, construtor e alimentador de imaginários, a posse e a leitura de romances sinaliza para práticas de leitura de uma época e faz pressupor um público leitor e doador feminino[9].

Nessa categoria ampla, denominada aqui genericamente como romance está a presença de autores clássicos (Machado de Assis, José de Alencar, Monteiro Lobato), em edições baratas (papel jornal, por exemplo) distribuídas como produções de cunho didático veiculadas pelas editoras entre os professores da área de Letras. Não por acaso, encontra-se um mesmo percentual de livros relativos ao ensino da língua e da literatura. Um breve olhar sobre as obras doadas nas duas áreas, identificou três doadores comuns, qual seja, que entregaram para doação livros de literatura e manuais para o ensino de línguas.

Uma terceira tabela (TABELA III) montada a partir do total de 277 exemplares pesquisados e catalogados, identificou em 90 exemplares marcas de leitura

[9] Ver os estudo realizado, sobre esta prática de leitura em: CUNHA.M.T.S. Armadilhas da sedução. Os romances de M.Delly. Belo Horizonte.Autêntica.1999.





## Tabela III

<b>TIPO</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>PARTICIPAÇÃO (%)</b>
Dedicatórias	39	43,4
Anotações/ Marginálias	24	26,6
Objetos esquecidos	15	16,6
Assinaturas/ Carimbos	12	13,4
<b>TOTAL</b>	90	100

**CLASSIFICAÇÃO DO ACERVO QUE INDICA  
A PRESENÇA DE LEITORES/ AS**



---

A tabela acima indica a presença majoritária de exemplares com dedicatórias, fato que reforça o argumento de que muitas doações tenham vindo de bibliotecas privadas. Se ainda não foi possível flagrar leitores – *'alguém que tivesse deixado uma carta, um diário, um bilhete, dizendo o que sentiu e pensou ao ler certo livro'* (ABREU,2003, p.16); foi gratificante encontrar seguros indícios de leitura (livros assinados, carimbados, textos sublinhados, margens com anotações, presença de objetos esquecidos) para organizar a tessitura de uma rede de relações e sobre este material construir uma versão sobre os usos dos livros e os caminhos dos leitores. Mesmo com os limites da documentação, este estudo rastreou o modo como leitores antigos encontravam e interagiam com o lido e o escrito. Sua presença simbólica evoca passados pessoais e coletivos, mãos que folhearam páginas, olhos que leram linhas, gestos que marcaram espaços através da escrita, da posse pelo nome, das dedicatórias, e dos objetos- relíquia ali esquecidos e depositados. O olhar de hoje para este material *compara os leitores implícitos dos textos com os leitores reais do passado e o trabalho do historiador quer mostrar que as leituras realmente existiram e ocorreram dentro dos limites de um corpo imperfeito de evidências.* (DARNTON,1992, p.229)

---

---

■ O cruzamento destas tabelas permitiu verificar a incidência de assuntos em alguns períodos, evidenciando a predominância dos livros de educação, envolvendo livros escolares, cartilhas e séries de leitura graduada muitas das quais de uso obrigatório na escola primária catarinense[10]. Este dado é relevante por abranger um período da nacionalização do ensino no sul do Brasil e sinalizar para o investimento do Estado na formação de um cidadão *civilizado* e patriota que tinha na leitura uma prática escolar civilizadora.

Os dados sobre os livros escolares desse acervo, ainda que modestos, indicam uma escola que se institucionalizava, com espaços, tempos, métodos e saberes melhores definidos e onde os livros também se especializavam, constituindo-se como sistematizadores dos saberes para os diferentes campos de conhecimento. Nos textos dos livros os conteúdos não se ofereciam somente à memorização: traziam propostas de ampliação das competências para além de decorar, através de ilustrações, leituras amenas e edificantes e de novos saberes, como leituras de higiene, civilidades, etc. Com este expediente, outras formas para sua representação eram instituídas, de simples depositário de cultura universal passava a ser fonte de lazer (através das ilustrações) e manancial para aprendizagem de outras experiências.

■ [10] Destaque para a Série de Leitura Graduada Fontes de autoria do Prof. Henrique Fontes (SC). Com este material desenvolvo, no momento, o Projeto de Pesquisa "Protocolos de Civilidade. As Séries de Leitura Graduada em Santa Catarina: Henrique Fontes e Lourenço Filho (1920-1970)".

---

A maior incidência de livros relacionados ao campo educacional pode ser entendida na chave dos seus doadores, afinal, tudo indica que estes eram seus livros e leituras de trabalho. Ainda sobre a presença, no acervo, de livros de biografias, de história e de literatura (romances) pode-se creditar a uma leitura de lazer porque as obras que o constituem sinalizam, por vestígios deixados em seu interior, que houve leitura de seus possuidores originais. No campo da literatura, a presença no acervo doado de obras *clássicos*[11] permite considerá-las como leituras que contribuíram para a formação e mesmo como uma forma do proprietário distinguir-se socialmente pela posse do exemplar.

Este trabalho ao destacar marcas de leitura, procurar caminhos feitos pelos leitores pretende traçar certo itinerário de leitura perceptível nos interiores dos livros e materialmente presente por indicações de seus usos, formas de apresentação, marcas de seus leitores ao longo do tempo. É, também uma maneira indiciária de intuir sobre a presença de livros, leituras e leitores na educação escolarizada (ou não) do período, compreender melhor alguns sentidos conferidos às experiências de leituras, ou seja, pelos livros, seus leitores e marcas deixadas pode-se divisar prescrições e contornos da leitura circulante, desejada, recomendada.

Estes pequenos escritos, possuem a marca simbólica da pessoa que os fez, carregam consigo uma memória que demarca a obra com a dimensão da relíquia e dão certa permissão para historicizar as marcas do leitor no impresso. Procurar estas marcas significa considerar que o tempo não danificou totalmente a presença do leitor, pelo contrário, é ele que permite sua fixação imperecível sob a forma de uma memória.


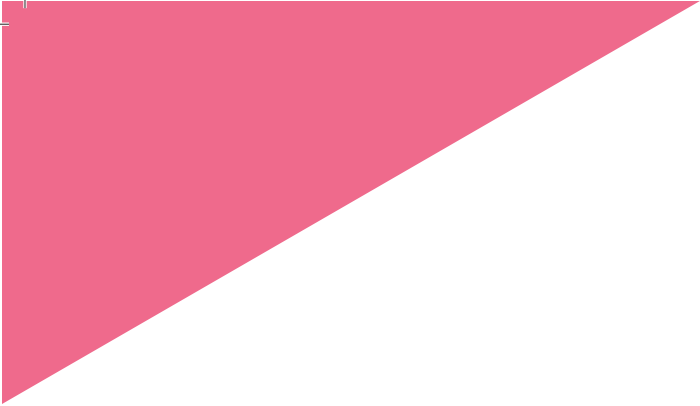
Para a interpretação desse material buscou-se dialogar no solo de várias linguagens, pois estas práticas e objetos mais recortados, ainda que associados à história da leitura, *começam a vislumbrar-se não como um tema típico de uma disciplina em particular, mas como um espaço de encontro de diversas abordagens, capaz de superar reduções prévias.* (CUCUZZA, 2002, p.14/ tradução livre da autora)

[11] Obras da literatura nacional (José de Alencar, Machado de Assis, Monteiro Lobato)

# Do leitor nos livros:

Pegar um livro e abri-lo guarda a possibilidade do fato estético.  
O que é um livro se não o abrimos?  
Simplesmente um cubo de papel e couro com folhas, mas se o lemos  
ocorre algo raro: creio que muda cada vez.  
**(Jorge Luis Borges, 1984)**


Folhear os livros à cata de rastros de leitores permite confrontar-se com variados objetos e diferentes formas de marcar a os impressos lidos, pois *na intimidade da maioria, o impresso penetra, mobilizando as afetividades, fixando a memória, guiando as práticas.* (CHARTIER, 2004, p.227)



Estudar as marcas deixadas pelos leitores permite inferir suas relações com os livros para além dos usos autorizados. Parece evidente que só podemos fazer aproximações, mas estes registros sinalizam para uma convivência mais aprofundada com o impresso.

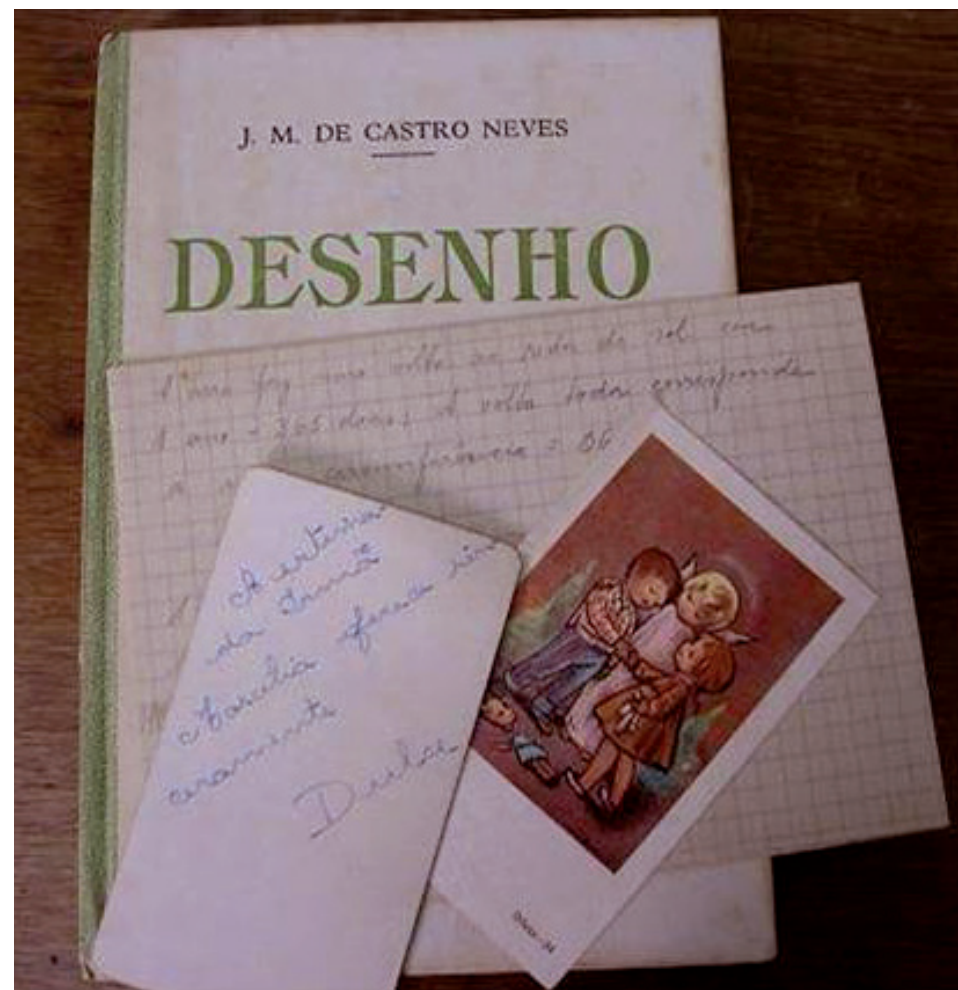
Nas margens ou fora delas, no texto, em papéis e relíquias guardados dentro dos livros o leitor se anuncia e tais imagens fornecem indícios sobre a relação livro/leitor e a experiência de leitores comuns.

Marcas que se mostram pelas marginálias (escritos ao longo das beiras das páginas, grifos de leitura ao longo do texto); pelas dedicatórias e pelos chamados *objetos relíquias* (flores secas, santinhos, papéis guardados, registros de experiências íntimas feitas a partir da leitura).



## FIGURA I

Objetos encontrados no interior de um exemplar de 1955 de Desenho para 3º e 4º séries. Cia. Ed. Nacional, São Paulo.



Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense/UEDESC/Florianópolis/ **Acervo: 99A1**




**Sempre escrevo em meus livros**  
**(Alberto Manguel, 2005, p.65)**

**Sempre leio acompanhado de um lápis,**  
**grifando os textos importantes,**  
**fazendo comentários à margem.**  
**(Miguel Sanches Neto, 2004, p.47)**

No universo pesquisado, um total de 32,4% dos livros do acervo apresentava marcas variadas que evidenciaram presença de leitores. Se não é possível afirmar, como os escritores Alberto Manguel e Miguel Sanches Neto, acima referidos, que a escrita nos exemplares é constante, é possível considerar uma relação entre leitura e escrita, entre o manuscrito e o impresso.


**Assinaturas e anotações nas margens/ marginálias**




Macular a página em branco pela atividade concreta da escrita, *circunscreve um lugar de produção que marca a presença do sujeito (...) nesse lugar desenfeitado das ambigüidades do mundo* (CERTEAU, 1994, p.225). Em alguns casos, a ordem da caligrafia feita de forma inclinada é considerada um indicativo de distinção e de convivência com formas sofisticadas de cultura escrita<sup>[12]</sup>.

Alguns livros trazem assinaturas de seus donos o que indica uma relação de propriedade e sua perpetuação para além da posse física do exemplar. Como o acervo é oriundo de bibliotecas pessoais permite-se pensar em certo zelo e até mesmo na necessidade de marcar o possuidor, registrar a personificação da posse através do nome próprio escrito para fugir do anonimato. Nomes próprios escritos, na grande maioria, em letras desenhadas, quase sempre seguidas do local e da data da aquisição, insinuam que *o nome próprio é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços*. (BOURDIEU, 1996, p.187)

[12] “À História da Cultura Escrita, interessam não só os aspectos gráficos que dão visibilidade aos diferentes níveis de alfabetização, mas também a disposição do escrito sobre o espaço gráfico; (...) a forma da letra empregada, a introdução de maiúsculas e sumários para organizar o discurso, a redação, os sublinhados, as marginálias, as dedicatórias, etc..”. (CASTILLO GOMÉZ, A. e BLASS, V.S. (orgs). Mis primeros pasos. Alafabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (séculos XIX e XX).Astúrias/Espanha: Ediciones Trea.2008. p.15. (Tradução da autora).





Mesmo que em dois casos, o papel tenha amarelado, a assinatura ainda está surpreendentemente legível, em tinta preta. Iniciais decoradas que simbolizavam os nomes dos donos aparecem em vários livros e são indícios de que eles foram abertos, quiçá lidos, e que os seus possuidores firmaram em cada um deles sua autoridade de leitores individuais.

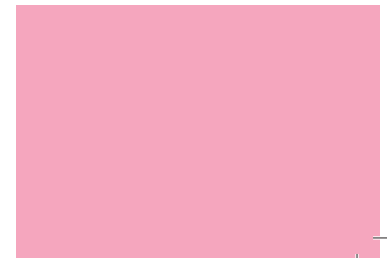
Há escritas inelegíveis feitas à mão nas margens dos próprios livros (correções de letras e frases sublinhadas) talvez sobre possíveis impressões obtidas pela leitura, embora ainda não foi possível encontrar legivelmente a coisa mais permanente que alguém pode deixar em um livro – as suas próprias palavras. Segundo estudos realizados por CHARTIER (2002), esta inscrição pode-se chamar de *marginálias*.

*As anotações marginais foram compreendidas como um dos gestos e um dos momentos da técnica intelectual que governa as práticas de leitura e escrita (...). As marginálias constituem de fato uma forma de encontrar as citações e exemplos que o leitor retém como modelos estilísticos (...) permitem a "digestão" do texto (...) traduzem uma apropriação pela escrita do livro lido.(p.94-96).*

As folhas manchadas e a aparência usada parecem falar de centenas de polegares que viraram suas páginas e, ao mesmo tempo, os livros cuidadosamente encapados pareciam indicar leitores extremamente cuidadosos que os liam sem quebrar a lombada. De igual maneira, o desenho infantil na contracapa imitando o herói da história, o marcador de papel com uma figura religiosa (um impresso conhecido como *santinhos*), como no livro de aritmética, exemplar datado de 1915.

Encontrou-se, também, um amuleto de sorte como a flor chamada amor-perfeito, seca, entre as páginas de um romance, o cartão de felicitações que não foi enviado, bilhetes e outros escritos e quinquilharias que não oferecem razão alguma e escapam da nossa compreensão plena, mas estão unidos pela sua condição de objetos-relíquia: são evidências da passagem do leitor pelo livro e parecem apontar as relações íntimas, complexas e delicadas entre eles.

Há vincos de dobras, há cheiros, sujidades que recontam momentos e lugares passados, e a esse respeito, vale rememorar recomendações feitas por Richard de Bury (1287-1345), em obra republicada em 2004, para quem *apenas uma pessoa asseada deve exercer o ministério dos livros (...) convém lavar as mãos quantos vezes saiam do refeitório para que dedos gordurosos não sujem a capa dos livros.* (p.147-148)



# Dedicatórias: ritos e celebrações

A dedicatória (...) um verdadeiro rito. Ela pode ser, tratando-se de um impresso, a oferta de uma cópia manuscrita com bela caligrafia e ricamente ornamentada (...) Na cena da dedicatória, a mão do autor transmite o livro á mão que o recebe, a do príncipe, do poderoso ou do ministro.  
**(Roger Chartier)**

---


As dedicatórias, nos livros estudados, eram espaços de celebração. Celebrava-se, por escrito, a amizade, cultuava-se a lembrança, o prazer da partilha, a emoção da dádiva. Estes sentimentos pareciam mover a escrita das dedicatórias e permitem considerar esta prática como formas simbólicas de poder e marcas de uma cultura da homenagem, até certo ponto laudatória.

As dedicatórias mostravam o afeto do doador em palavras cordiais, na caligrafia desenhada, na cuidadosa ocupação do espaço na página branca: uma ordem que parece dignificar o texto a ser lido e aponta para o aguçamento de sensibilidades.

Espaços de memória. Registro de amizades. Lembranças. O prazer da partilha. Estratégias de consagração. Tessitura de uma rede de relações. Segundo BARTHES (1985, p.66) a dedicatória é um episódio de linguagem, que acompanha todo presente (...) todo gesto, efetivo ou interior, pelo qual o sujeito dedica alguma coisa ao ser amado. Nos livros, estes sentimentos parecem mover o ato de fazer uma dedicatória e funcionavam como mediadores do afeto que circulava entre amigos ou conhecidos. Tal situação, neste acervo, é visível nos livros doados pela família da professora Antonieta de Barros[13] cujas dedicatórias, mostravam uma rede de sociabilidades que se caracterizava pela presença de encontros amistosos entre amigas. Os estudos realizados por DELMAS (2007) mostram que os livros dedicados demonstravam prestígio e a importância do homenageado e são marcas de uma cultura que busca sofisticar suas relações e representações além de ser considerada uma marca distintiva da sociedade letrada.

[13] Antonieta de Barros (1901-1952) professora negra e primeira mulher deputada estadual do Estado de Santa Catarina e participante da Constituinte de 1934.






Segundo GENETTE (2001, p.109-110), a dedicatória ocupa um lugar canônico, sempre na primeira página do livro, na chamada folha de guarda ou folha de rosto e sua destinação principal é ao suposto leitor, o verdadeiro destinatário da obra. Para este autor,

A dedicatória de uma obra destaca sempre a demonstração, a ostentação, a exibição: exhibe uma relação intelectual, distintiva, real ou simbólica e esta exibição está sempre a serviço da obra como argumento de valorização ou tema de comentário. (p.116)

A escrita registra, grava e conserva para as gerações futuras e assim as dedicatórias expressam um desejo do doador de que o receptor compartilhe do texto escrito e que o leia. No acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense, foram encontradas 39 dedicatórias (uma em cada exemplar). O material evidenciou que esta prática cultural obedecia ao cumprimento de determinados rituais (domínio de códigos lingüísticos, letra esmerada, expressões afetuosas).



Parte considerável das dedicatórias presentes nos livros do acervo, salientou laços de amizade, relações de reciprocidade, algo como dar um pouquinho de si, traduzir em palavras um tipo de afeto (...) estreitar laços já portadores de uma história afetiva (MUAZE, 2006, p.7-10) e estão materializadas em breves textos como uma cordial lembrança, com gratidão e afeto, como prova de amizade e apreço, com desejo de que gostes da leitura.

Pesquisa empreendida por CORADI (2007, p. 57) considerou que variadas intenções e sentimentos estão presentes no ato de dedicar um livro podendo partir da convenção social, (...) desejo de partilhar uma leitura com alguém querido (...) e até uma mensagem mais reveladora, caracterizada pelos sentimentos decodificados do dedicatário.

Como presente de Natal, datado de 1955, a dedicatória endereçada a um leitor infantil do livro *Robinson Suíço*, editado em São Paulo pela Editora do Brasil, deseja

Ao Nelson, com votos para que aproveites os bons exemplos deste livro e faças o firme propósito de um bom aproveitamento no próximo período escolar. Carlinda/Natal de 1955.

Nesta dedicatória (FIGURA III) a relação é dada pelo tom exortativo, para a leitura exemplar considerada como índice e orientação de pensamento e permite pensar em uma leitura autorizada, pela adesão/ concordância a uma convicção. O desejo sublinhado pelo doador em uma escrita do presente é um ato mágico e solidário no qual se quer materializar um desejo, uma projeção para o leitor do futuro. Ou seria uma ordem? Tais práticas, mais uma vez, soam como seguros indícios da passagem do leitor pelo livro, aqui conservada pela memória da escrita.





# À MANEIRA DE UM EPÍLOGO...

Os resultados da pesquisa indicam que os leitores também *habitam* os livros e que através deles é possível conhecer formas de intervenção do leitor *indicadas nas margens, como um lugar periférico com relação à autoridade* (CHARTIER, 1998, p.88) e, pelas marcas deixadas que podem ser lidas como indícios de sua presença constante. As marcas dão vida a leitores desconhecidos, dos que riscavam os livros com caneta aos que os encapavam para melhor preservá-los, dos que neles escreveram aos que nele esqueceram velhos papéis, relíquias. Oferecem pistas curiosas a respeito do universo cultural em que estavam inseridos leitores/doadores naqueles tempos. Tantas e tão diferentes marcas permitem imaginar o doador/leitor pela dedicatória, atentar para as palavras sempre cordiais da oferta, reparar na cuidadosa organização gráfica com que se dispunha, na página em branco, a caligrafia nítida, por exemplo. Esta ordem parece antecipar o texto, anunciar um temperamento sensível não só no recurso infinito das palavras como à visibilidade imperiosa das letras desenhadas.

Hospedando-se nas estantes (ou em caixas) como inquilinos de vida, os livros desse acervo, com suas marcas de uso, suas dedicatórias, seus objetos-relíquia marcam um tempo: as pessoas que se saudaram reconhecem-se como parceiros de uma aventura de leitura e de instantes que foram eternizados pela magia e perenidade da escrita. Todas estas inscrições não são *somente uma operação abstrata do intelecto; elas são engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros.* (CHARTIER, 1994, p.17)

São registros de afetos que permanecem como resíduos que, materializados em tinta, papel, figuras, desenhos, flores secas, enfrentam a velocidade e a fugacidade do tempo, eternizam momentos e emergem como lembranças. Estas ilustrações e inscrições nos livros escolares podem constituir um acervo relevante para futuras pesquisas sobre a leitura escolar e para história das instituições escolares e seus acervos de livros, além de permitir ao historiador entender esta produção silenciosa que é a atividade leitora.

Plenos de memórias de um tempo foram preservados para nos preservar, pois que nunca são apenas objetos, *têm uma voz com a qual falamos através do tempo e das vidas (...) são, ao mesmo tempo, relíquias de uma época diferente e de pessoas a partir de sua própria época* (BLOM, 2003, p.228), mas estabelecendo conexões com o leitor/historiador atual. Incorporando esquemas escriturísticos ritualizados (como a inscrição do nome próprio, uma dedicatória emocionada ou uma correção ortográfica) as muitas marcas deixadas nos livros continuam preservadas e pode-se considerar, através delas, uma relação delicada entre leitura e escrita.

Trabalhar com este material, em acervos como os do Museu da Escola Catarinense, cria possibilidades para pensar, igualmente, em uma perspectiva ampliada de patrimônio cultural capaz de sensibilizar variadas instituições para a gestão e promoção desses materiais. Conhecer mais sobre como os livros eram produzidos, dados a ler e utilizados é, pois compreender como o Estado fez da leitura um saber escolar e deu à Escola a responsabilidade de formar leitores e leitoras. Preservá-los de forma adequada é uma iniciativa que vem demandando esforços e é fundamental que se formulem e se programem políticas que tenham como finalidade enriquecer a relação da sociedade com seus bens culturais, sem que se perca de vista os valores que justifiquem sua preservação.

Nesse sentido, a constituição e a manutenção de acervos escolares (notadamente os livrescos) se revestem de importância como forma de *atribuir novos significados às práticas escolares como elementos constitutivos da vida social (...) uma perspectiva que impõe aos pesquisadores o desafio de preservação das fontes históricas em arquivos públicos e a constituição de arquivos escolares.* (MORAES e ALVES, s.d, p.25)

Os livros dessa *biblioteca anotada* por tanto tempo esquecidos, muitos deles cobertos de dejetos, mostraram padrões de sociabilidade, cunharam sensibilidades, mascaram subjetividades geracionais em nomes próprios, dedicatórias e relíquias deixadas em suas entranhas. O nome famoso ou anônimo na contracapa, a dedicatória que poderia despertar a vontade de ler, a relíquia esquecida ou abrigada em meio às páginas dos livros abre espaços para a aventura de conhecer, pelos objetos, modos de ler, maneiras de escrever e, ao historiador, fornece evidências de que não existem coisas banais, mas possibilidades de múltiplas relações que se podem compor entre passado, presente e futuro, *desempacotando bibliotecas sem o suave tédio da ordem* que nos rodeia.

# Bibliografia

ABREU, M. **Os caminhos dos livros**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB):SP:FAPESP, 2003.- (Coleções Histórias de Leitura)

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D.M. **História: A arte de inventar o passado**. Bauru (SP): EDUSC, 2007.

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 5ª ed. RJ: Francisco Alves, 1985.

BENJAMIN, W. **Rua de Mão Única**. S:Brasiliense, 1989.

BLOM, P. **Ter e manter. Uma história íntima de colecionadores e coleções**.RJ: Record,2003.

BORGES, Jorge Luis.**Borges oral**. Madrid: Bruguera. 1984.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. IN: Usos & Abusos da História Oral/ Janaína Amado e Marieta Gomes Ferreira, coordenadoras. – RJ: FGV,1996, p.183-191.

Brinquedos da minha Infância. Coleção Aldo Nunes. Florianópolis: Secretaria de Estado de Administração – Diretoria de Gestão Documental, 2008./ Organizadora Vera Lúcia Gaspar da Silva e Marília Petry.

CASTILLO GOMÈZ, A. e BLASS, V.S. (orgs). Mis primeros pasos. **Alafabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (séculos XIX e XX)**.Astúrias/Espanha: Ediciones Trea. 2008

CERTEAU, M. de.**A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes,1994.



CHARTIER, R. **História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1989  
\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora da UnB, 1994.  
\_\_\_\_\_. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.  
\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. SP: Editora da UNESP, 1998.  
\_\_\_\_\_. **La historia o la lectura del tiempo**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2008.  
\_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. SP; UNESP, 2002.

CORADI, J. **A dedicatória como expressão: um gesto das práticas de leituras**. Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia - Gestão da Informação - UDESC/ 2007.

CUCUZZA, R e PINEAU, P. (orgs). **Para uma historia de la enseñanza de la lectura y escritura em Argentina. Del catecismo colonial a La Razón de Mi Vida**. Buenos Aires: Mino y Dávila Editores. 2002.

CUNHA, M.T.S. **Armadilhas da sedução**. Os romances de M. Delly. Belo Horizonte. Autêntica. 1999.

DARNTON, R. História da leitura. BURKE, P. A escrita da História. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p.199-236.

DARNTON, R. **O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. **Boêmia Literária e Revolução. O submundo das letras no Antigo Regime**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DELMAS, A.C.G. **"Do mais fiel e humilde vassalo": as dedicatórias impressas para os monarcas D. João VI e Dona Carlota Joaquina no Brasil**. CR Rom/ XXIV Simpósio Nacional de História/ UNISINOS (São Leopoldo/RS) , 2007.

GENETTE, G. **Umbrables**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2001.

GINZBURG, C. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MANGUEL, Alberto. **Os livros e os dias**. Um ano de leituras prazerosas. SP: Companhia das Letras. 2005.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal e ALVES, Juliana Falivene (org.) **Inventário de Fontes Documentais**. Centro Paula Souza. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. s.d.

MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. **Os guardados da viscondessa: fotografia e memória na coleção Ribeiro de Avellar**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v.14, n.2, p.73-105, dez. 2006.

RANUM, O. Refúgios da Intimidade. **História da Vida Privada**. Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras. 1991. p. 211-265.

SANCHES NETO, Miguel. **Herdando uma Biblioteca**. RJ: Record, 2004.

RICHARD DE BURY. Philobiblon (Tradução e apresentação de Marcello Rollemberg). São Paulo: Ateliê editorial, 2004.